



Getúlio Vargas, Batista Lusardo e Ademar de Barros, protegidos por Gregório Fortunato (de chapéu), num comício no Pacaembu, em agosto de 1950.

Dez livros sobre nossa história

LÍGIA SANCHES

Iniciada em 1960, a "História Geral da Civilização Brasileira" está próxima de sua conclusão, com o lançamento, pela Difel, do 10.º e penúltimo volume: "O Brasil Republicano — Sociedade e Política — 1930/1964". Orientada e coordenada inicialmente pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda (até o 7.º livro), a obra está agora sob a responsabilidade do historiador Boris Fausto, livre-docente da USP e do Center Anthony's, de Oxford. Para ele, a coisa mais positiva e que permitiu a unidade editorial da "História" foi o fato de, tanto ele como Sérgio Buarque de Holanda acharem que não deviam fazer uma coleção que tivesse uma orientação definida na linha de pensamento.

"Não era conveniente que os autores fossem da mesma escola. O que sempre interessou foi ter gente de bom nível, de quem respeitamos os pontos de vista. Em termos gerais, a recomendação principal aos autores foi que procurassem um equilíbrio entre a informação e a análise, embora os especialistas trabalhem cada qual de um jeito próprio, alguns mais descritivos, outros mais analíticos, e assim por diante. Claro que o ideal, numa obra desse porte, seria reunir a equipe, elaborar um projeto e discutir as linhas de como recortar a realidade. Mas sabemos que hoje, em nossas condições, isso é difícil. Trabalhamos, então, da maneira possível, fazendo com que vários trabalhem e um fique no centro. Quando muito, reunimos, dois, três especialistas que estivessem trabalhando em temas próximos".

Com todas as reedições dos volumes que a compõem, "História Geral da Civilização Brasileira" vendeu aproximadamente 140 mil livros em todo o Brasil. Uma venda lenta, mas contínua, que obedece às tendências de mercado com relação a obras sobre o assunto, como lembra Boris Fausto, para quem a conclusão da coleção — ano que vem, com o 11.º volume: "O Brasil Republicano — Economia e Cultura" — será positiva para que as pessoas possam comprá-la inteira.

Considerada como uma obra de importância decisiva na historiografia brasileira, "História Geral da Civilização Brasileira" começou com dois volumes da Época Colonial — "Do Descobrimento à Expansão Territorial e Administração, Economia e Sociedade" — e seguiu com "O Brasil Monárquico — O Processo de Emancipação"; "O Brasil Monárquico-Dispersão e Unidade"; "O Brasil Monárquico — Reações e Translações"; "O Brasil Monárquico-Declínio e Queda do Império"; "O Brasil Monárquico-Do Império à República"; "O Brasil Republicano-Estrutura de Poder e Economia"; "O Brasil Republicano-Sociedade e Instituições"; e finalmente "O Brasil Republicano-Sociedade e Política (1930/1964)".

Este último, em cerca de 500 páginas, fala das classes sociais do período, com capítulos de autoria de Décio Saes, da Unicamp, sobre classe média, e de Leônicio Martins Rodrigues, da USP, sobre classe operária. E no aspecto político, do processo e da estrutura política (partidária) com textos, por exemplo, de Angela Maria Castro Gomes, do Cepdoc (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), sobre o período 1930/1937, da instauração do governo provisório às vésperas do Estado Novo; de Ely Diniz, do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), sobre O Estado Novo; e de Ricardo Maranhão, da Unicamp, abrangendo o período do suicídio de Getúlio Vargas até 1964.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda lembra que, no começo, foi difícil fazer uma programação para os textos necessários porque não havia muitos especialistas no Brasil e ele próprio teve que escrever vários capítulos. "Depois dos dois volumes do Brasil Colônia foi mais fácil e conseguimos a unidade com uma solução um pouco matreira, partindo do princípio que a História não pretende que os autores sejam iguais, o que é verdade. Na realidade a individualidade, as discordâncias entre os especialistas, não fizeram a obra perder a unidade".

Envolvido com esse trabalho até o 7.º volume, o último sobre o Brasil Monárquico, ele foi obrigado a interromper o processo de andamento da obra algumas vezes devido a viagens ao Exterior, mas de qualquer forma encontrou muito material sobre o Brasil nos Estados Unidos (inclusive a correspondência de ministros americanos do período de 1809 a 1906, falando sobre nosso país), e também na Inglaterra, França e Itália. "Chegou uma hora em que eu não podia trabalhar em outras coisas, então fechei aquele ciclo e convidei o professor Boris Fausto. Hoje posso dizer que a obra ideal não seria como fiz mas uma que desse uma visão geral e adaptasse aquilo a um esquema que servisse a todos. Mas não posso impor minhas idéias, não é, cada um tem a sua".

Para Boris Fausto, a "História Geral" cumpriu um papel importante de análise e divulgação de bom nível da História do Brasil. "Se o leitor quiser percorrer um longo período, pode fazer isso. Então acho que é a melhor porque não há outra com essa intenção, embora tenha seus limites. Se alguém quiser aprofundar determinados temas, deve recorrer a monografias. Agora, do ponto de vista do historiador, acho que hoje ele tem que ter uma formação mais abrangente que no passado. Claro que continua tendo sua especialidade mas deve também ter algum domínio de áreas próximas à história. Por exemplo, para falar de história social, é preciso saber algo de antropologia, e para abordar história econômica, ou se conhece bem economia ou não se faz".



O historiador Sérgio Buarque de Holanda coordenou os sete primeiros volumes da coleção.

Uma análise pluralista

PAULO SÉRGIO PINHEIRO

HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA (Tomo 3.º: O Brasil Republicano — 3.º Volume: Sociedade e Política, 1930-1964); Direção de Boris Fausto. Difel: 604 págs. Cr\$1.700.

Quando Hélio Silva iniciava o seu "Ciclo de Vargas" e Edgard Carone, a sua reconstituição da Primeira República, passou a ser, enfim, muito "fashionable" na universidade tratar da história republicana. Não quer dizer, está claro, que os documentos estivessem escondidos ou que ninguém tivesse escrito sobre o já longo período republicano. Mas, História para os institutos históricos e geográficos, para as instituições oficiais era o Brasil colônia e reino e com absoluto fascínio, nosso banana-império. Gerações passaram pelos colégios e até mesmo pelas faculdades mal ultrapassando a proclamação da República.

Quanto mais não fosse por simplesmente ter furado a barreira republicana, a coleção "História Geral da Civilização Brasileira" já teria o crédito de um feito quase extraordinário. Coordenada nas fases colonial, real e imperial pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda e no último período, que já compreende três volumes, pelo historiador Boris Fausto, o conjunto dos volumes é um primor de continuidade também na dinâmica interdisciplinar que marca o projeto.

Se formos pedir carteirinhas aos quatorze colaboradores do alentadíssimo terceiro volume que acaba de ser lançado, nem

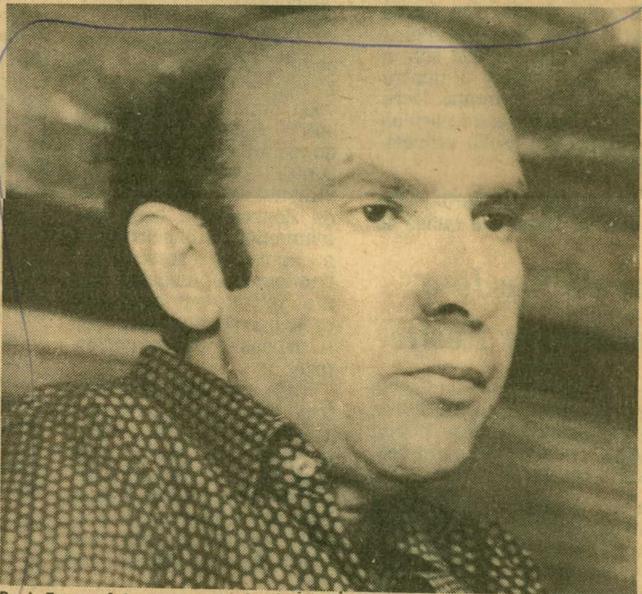
um terço conseguirá provar que são historiadores. Mas isso não tem a menor importância: a história é uma coisa séria demais para ser deixada somente para os historiadores. E quem são os guardas-fronteiras, capazes de mostrar onde acaba a História e onde começam os domínios reais de outras Ciências? O resultado dessa visão não convencional da história pátria foi plenamente bem sucedido.

Darão com os burros n'água (bem feito) aqueles que forem esmiuçar as 604 páginas do trepidante tijolo em busca de coerência metodológica (metodologia, o que é isso?), harmonias teóricas, enquadramentos ideológicos, linhas corretas. Nada disso. Uma secundária desigualdade marca o volume. O coordenador em vez de distribuir as gavetas da cômoda do período 1930-1964 pelos autores, optou por fazer um recorte abrangente e provocante do período: a questão da constituinte, as relações entre Poder e classes sociais, a questão agrária, o populismo, o integralismo, o comunismo, as classes médias, as classes operárias, as elites políticas. Estamos anos luz de qualquer concepção serializada, do tradicional gênero "anais", que tanto vigor já teve nas paróquias históricas.

O Brasil Republicano vira pelo avesso a história recente? Sei lá, provavelmente não. Mas esse não é necessariamente o maior objetivo de uma obra que se leve a sério. Vai ver terá até as lantejoulas do sucesso. O que importa é ser fundamentalmente uma coletânea de ensaios resultando de pesquisas de ponta na revisão da sociedade

brasileira. Uma história que se pretende da sociedade, uma história global, de todas as classes e de todos os aspectos da prática concreta, sem especificações ou especializações empobrecedoras. E nada conclusivas, ah que bálsamo!, nem pontificantes, porque destinadas a fazer prosseguir o debate sobre o período 1930-1964. Aliás, a única coisa que importa.

Paulo Sérgio Pinheiro é professor de ciência política.



Boris Fausto foi o responsável pelos livros do período republicano.

Folha de São Paulo, 26.12.81 - Ilustrada